

NOTA

O ESPAÇO EM KANT E SUAS INFLUÊNCIAS NA DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE REGIÃO EM ALFRED HETTNER E RICHARD HARTSHORNE.

Renan Gauthier Cardoso dos Santos¹

Essa nota analisará analiticamente o conceito de espaço a partir do sistema filosófico de Immanuel Kant e situar formas as quais sua produção intelectual influenciou o conceito de região a partir da produção geográfica apoiado em dois autores: Alfred Hettner e Richard Hartshorne. Utilizaremos trabalhos que indicam indícios do pensamento kantiano sobretudo a partir da História do Pensamento Geográfico, enfatizando a sistematização em torno dos aspectos/conteúdos da ciência geográfica e a condição da produção do conhecimento neste campo do saber.

INTRODUÇÃO

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, em geral considerado um dos pensadores mais influente dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrado, em 22 de abril de 1724. Não casou nem teve filhos, falecendo em 1804 aos 80 anos. Kaliningrado, situa-se onde foi a Prússia Oriental, um território no litoral sul do Báltico, parte da Rússia desde 1946. Kant era filho de um artesão que trabalhava couro e fabricava selas. Sua mãe, de origem alemã, embora não tivesse estudo, foi uma mulher admirada pelo seu caráter e por sua inteligência natural. Ambos seus pais eram do ramo pietista da Igreja Luterana, uma subdenominação que requeria dos fieis vida simples e integral obediência à lei moral.

Kant ministrou cursos de Geografia Física na Universidade de Königsberg. Acredita-se que ele foi o primeiro filósofo a introduzir essa disciplina numa universidade e a receber autorização para ministra-lá. Seu interesse pela Geografia parece ter sido devido a seu sistema filosófico no sentido de compreender o conhecimento entre fatos exteriores a nós, implicando dessa maneira a produção teórica de um conceito de espaço e proporcionando desdobramentos a partir de aspectos norteadores da Ciência Geográfica na produção de um conceito basilar.

“Sua importância é restrita ao fato de levantar questões sobre a natureza do conhecimento geográfico, conteúdo de suas aulas iniciais, pois o restante do curso, conforme relato dos que analisaram e mesmo considerando a época em que foi escrito, era um rol de afirmações incorretas, de pouca utilidade, sem contar a presença de abjetos preconceitos.” (CAMPOS 2001, p.15)

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UNESP Rio Claro. End. Eletrônico: renangauthier@yahoo.com.br

A primeira parte dessa nota mostrará sob quais aspectos o sistema filosófico de Immanuel Kant está norteado enquanto produção filosófica influente em torno dos conteúdos que envolveram a estruturação epistemológica da Geografia. Tal influência pode ser indicada sobretudo na constituição da noção de espaço que para o autor, não advém da experiência empírica e, contextualizada no processo de estruturação da ciência moderna, logo na proposição da concepção moderna de espaço². Já a segunda parte situará os desdobramentos da produção filosófica de Kant no âmbito da constituição do conceito de região na produção de geógrafos. Neste trabalho tomamos cuidado para selecionar a bibliografia necessária para nossa produção sobre o sistema filosófico de Kant, base do idealismo alemão, e a formulação do conceito de região a partir de dois autores: Alfred Hettner e Richard Hartshorne. A influência de Immanuel Kant no pensamento geográfico deve ser identificada a partir dos desdobramentos de seu sistema filosófico a partir de um caminho proposto - o sistema filosófico do autor. Estamos cientes da complexidade do tema e das nuances que o sistema filosófico de Kant exige enquanto desafio de leitura/entendimento das suas produções. Para tanto, deve-se atentar para a produção que faremos de modo analítico e simplificado.

O PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT

A preocupação de Kant era com um conhecimento que se relacionava com objetos, ou seja, com o conhecimento objetivo do mundo. Foi por isso que buscou compreender as possibilidades e impossibilidades da razão, investigando a faculdade de conhecer. Tratava-se de saber não o que o homem conhece ou pode conhecer a respeito do mundo e da realidade, mas do que deve fazer, de como agir em relação a seus semelhantes, de como proceder para obter a felicidade ou alcançar o bem supremo. Para Kant, “*o conhecimento deriva das percepções de cada indivíduo, interpretadas por seus esquemas conceptuais, que são produto de seu raciocínio sobre experiências anteriores*”. (FERREIRA & SIMÕES, 1986 apud CAMPOS 2001 p. 17)

Kant revela que todo conhecimento começa com a experiência. A experiência (os objetos que tocam nossos sentidos) seria uma espécie de despertador *para a faculdade* de conhecer³. Entretanto, afirmar que todo conhecimento começa com a *experiência* não significa afirmar que todo conhecimento *origina* da experiência.

Kant distinguiu dois tipos de conhecimento: um *a posteriori* ou empírico e outro *a priori* ou puro. O conhecimento empírico seria aquele que decorre dos dados fornecidos pela experiência sensível. É um conhecimento que *depende*, necessariamente, do *objeto*, pois são seus *aspectos particulares* que nos chegam através da impressão dos sentidos. Essa forma de conhecimento *a posteriori* tem um caráter particular e contingente, já que é a multivariada dos objetos que compõem sua constituição e chega ao sujeito que conhece o objeto. Dessa maneira, os fenômenos, eles próprios, são dados *a posteriori*.

Já o conhecimento *a priori* se diferencia do anterior por não depender de qualquer impressão sensível e por ser um conhecimento necessário e universal. O conhecimento *a priori* independe da experiência e é simultaneamente anterior à experiência e condição da experiência. Partindo desse pressuposto, o conhecimento *a priori* seria o único capaz de produzir explicações gerais e

² “Isso significa que, a reflexão em torno da influência do *kantismo* na geografia, deve ser contextualizada no âmbito do processo de estruturação da *ciência moderna* e, portanto, associada às múltiplas determinações (vinculadas tanto à dimensão histórico-concreta, como ao redimensionamento das formulações científico-filosóficas) que propiciaram, entre outras coisas, a *edificação* de uma *leitura* geográfica *alicerçada* numa *nova imagem de mundo*, *vitalmente* agregada às necessidades de expansão e consolidação dos desígnios da sociedade burguesa.” (RIBAS, P.1)

³ Kant argumentava que o conhecimento científico era obtido ou pelo uso da razão pura ou através dos sentidos.

universais sobre os fenômenos, pois “*na verdade, a experiência nos ensina que algo é constituído deste ou daquele modo, mas não que possa ser diferente*”. (RIBAS, 2006 p.3) Assim, para Kant, existem formas *a priori* de *entendimento* e de *sensibilidade*, que proporcionam a síntese dos dados empíricos, levando ao conhecimento. Razão pura é razão *a priori*; intuição pura é intuição *a priori*. Puro e *a priori*, ou independente da experiência, são expressões que Kant utiliza como sinônimos.

Os *traços* do sistema kantiano elucidam uma centralização do processo do conhecimento no sujeito cognoscente, sendo, por conseguinte, menos importante o *objeto* do que a *forma* de conhecê-lo. Kant ressaltava que não é a faculdade de conhecer que se regula pelo objeto, mas, sim, o objeto que se regula pela faculdade de conhecer. É através dessa *posição* que Kant chegou à conclusão basilar de seu sistema filosófico: “*não conhecemos a priori nas coisas senão aquilo que nós mesmos nelas colocamos*” (PASCAL, 1996 apud RIBAS, 2006 p.3)

Para Kant é necessário a idéia do todo – ao homem cabe atingir a totalidade permitindo aos fenômenos da natureza serem apreendidos através de uma condição explicativa, mais geral. Ribas ajuda a pensar a condição que Kant trazia ao pensamento.

“Faz-se mister que as nossas experiências não sejam apenas um conjunto de coisas, mas que sejam organizadas em um todo sistemático. Assim como, antes de construir uma casa se deve ter a concepção (Idee) do conjunto de onde se formarão as várias partes, torna-se a necessário que, antes de iniciar o estudo do mundo, tenha-se a concepção do todo um sistema arquitetônico de onde os diversos detalhes serão formados” (TATHAM 1959 p. 205)

O ESPAÇO EM KANT

Para Kant a relação sujeito *versus* objeto é mediada pela intuição. Os objetos chegariam através da sensibilidade ao sujeito. As matérias do conhecimento são impressões que o sujeito recebe dos objetos exteriores de maneira que, quando apreendido o entendimento pensa o objeto, elaborando conceitos. Para Kant as duas formas de sensibilidade são : o espaço e o tempo. Kant afirma que o espaço não é um conceito que advém da experiência empírica e *conclui* que a forma pela qual percebemos as coisas exteriores a nós e dispostas em distintos lugares pressupõe, enquanto condição *a priori*, a noção de espaço. A disposição e a relação entre os objetos externos se dão por uma representação que não decorre do fenômeno, mas da intuição que é pura, ou seja, *a priori*. Não é a relação de fenômenos exteriores que a nos faz perceber enquanto relação, mas a representação do *espírito* que nos faz perceber a externalidade enquanto relação de fenômenos. Como exposto acima, o sistema filosófico de Kant traz no sujeito (cognoscente) a capacidade de conhecer os fenômenos, sendo dessa maneira, os objetos regulados pelo sujeito. Assim, seguindo essa perspectiva, o espaço torna-se condição de possibilidades aos fenômenos, é o fundamento dos fenômenos externos, por isso é *a priori*. Em Kant, o “*espaço não é conceito e sim intuição pura*”. (RIBAS, 2006 p.5)

Para Kant o espaço é a forma pelo qual estabelecemos relações entre os fatos exteriores a nós, ou seja, é uma forma de sistematização das *coisas* exteriores. O espaço é condição de toda experiência dos objetos, mas o espaço em Kant, não pode ser percebido empiricamente porque o simples ato de situarmos alguma coisa "fora" de nós já pressupõe a representação do espaço. Nada pode ser representado sem espaço. O Espaço Geográfico é de natureza diferente do espaço matemático, porque se divide em regiões que se constituem no substrato da história dos homens.

Partindo desse pressuposto, a *geografia física* seria a ciência que estudaria essas correlações dos fenômenos/objetos no espaço, espaço este que já *deixa de ser* (temporariamente) intuição pura e assume conformação fenomênica, pois já é uma condição exteriorizada, ou seja representada. O espaço em Kant é uma das formas fundamentais de sensibilidade, formas indispensáveis à intuição sensível. O *espaço* como uma estrutura inerente à sensibilidade do sujeito, é que ele pode perceber os objetos dispostos no espaço. Dessa maneira, pode-se pensar o espaço sem coisas, mas não as coisas sem o espaço.

O espaço enquanto condição é o espaço *palco/receptáculo* que acaba sendo compreendido enquanto substrato dos fenômenos em sua correlação corológica⁴. Para Kant, o *atributo* geográfico revela-se na dimensão locacional dos fenômenos. Descrever a *posição* dos fenômenos num *espaço condição*, eis a *tarefa* geográfica. Kant, também distinguiu a Geografia e História. Elas seriam, portanto, ciências similares, a primeira seria uma descrição conforme o espaço e a segunda uma narrativa conforme o tempo. A geografia seria o estudo dos eventos que ocorrem contiguamente no espaço. A geografia, ao lado da história, preencheria integralmente o universo de nossas percepções. Dessa maneira, descrever os fenômenos num espaço *substratum*, é permitir ao pensamento geográfico libertar-se do particularismo empírico e lançar vôo a uma explicação ordenada/geral da totalidade espacial.

Dentro da geografia, as idéias de Kant ganharam influência nos trabalhos de Alfred Hettner na Alemanha e Richard Hartshorne nos Estados Unidos. Nestes trabalhos as idéias de Kant, consagradas como uma das mais atuais da filosofia clássica, foram amplamente divulgadas e, das mesmas, originaram-se os conceitos sobre a geografia, em geral, mais em voga, desenvolvendo condições do que, com o passar dos anos, ficou conhecida como Geografia Regional. Nesse sentido Sandra Lecione no seu livro “Região e Geografia” ressalta:

“O desenvolvimento de uma corrente de pensamento que buscou elaborar um retorno a Kant foi denominada de neokantismo, que viria a se tornar a forma de filosofia dominante na Alemanha durante o período de 1880 a 1930. O neokantismo significou a afirmação da filosofia como reflexão crítica dos valores universais, posição em confronto aberto com o positivismo do século XIX, que havia menosprezado a filosofia, considerando-a um saber inútil.”
(LECIONI, 1999 P.121)

ALFRED HETTNER

Alfred Hettner foi professor da Universidade de Heidelberg e produziu trabalhos sobre a teoria e metodologia em Geografia. Tendo seguido sua influência neo-kantista⁵, este geógrafo acreditava que o método das ciências humanas não poderia se comparar àqueles recomendados pelo domínio positivista clássico, dominante nas ciências físicas e matemáticas e “reconhecido” como único método efetivamente científico. Pela existência de um “domínio” positivista suas idéias tiveram pouca penetração em sua época e foram pouco divulgadas. Sua obra seria discutida, no futuro, pelo geógrafo americano Richard Hartshorne e ganharia mais notoriedade.

⁴ Característica que refere-se à integração de fenômenos heterogêneos numa dada área.

⁵ Antonio C. Robert Moraes no livro “Geografia pequena história crítica” menciona e destaca que Hettner e Hartshorne fundamentava-se no neokantismo de Rickert e Windelband. O livro “Região e Geografia” de Sandra Lecioni também faz referência aos trabalhos de Windelband.

Hettner retoma a concepção de ciência idiográfica⁶ para a chamada geografia regional, pois ao estudar regiões poderia considerá-las únicas e possuidoras, num mesmo espaço, de diversos elementos. Mas o autor também a entendia como ciência nomotética⁷, pois os fenômenos podem ser classificados em categorias, possibilitando a dedução de leis gerais. O autor retoma a característica corológica para a Geografia, estruturando as proposições teóricas para a análise de regiões diferenciadas no espaço e suas (inter)relações.

Por ser corológica, Hettner afirmou que *“tem como objetivo conhecer o caráter dos países ou regiões, mediante a compreensão da coexistência dos diversos reinos da natureza nas suas diferentes formas”* (FERREIRA & SIMÕES, 1986 apud CAMPOS 2001 p. 43) Nesse sentido, a Geografia para Alfred Hettner seria uma ciência que estuda a diferenciação de áreas, que procura explicar por quê e em que partes da superfície terrestre se diferem. Em outras palavras, por possuir a característica corológica, a Geografia deve descrever unidades especiais e, depois, defini-las e compará-las.

No texto “A natureza da Geografia e seus métodos” Alfred Hettner ressalta:

“A geografia é a ciência corológica da superfície da Terra e estuda essa superfície nos seus diferentes locais. Não é uma ciência da Terra ou da superfície da Terra enquanto tal, porque todos os pontos de vista (aproximações) que não tenham em conta as diferenças locais da superfície da Terra enquanto tal, porque todos os pontos de vista (aproximações) que não tenham em conta as diferenças locais da superfície da Terra, ou que as considerem unicamente como fenômeno perturbadores, não pertencem à geografia. É antes a ciência da superfície terrestre segundo as suas diferenças regionais, isto é, entendida como um complexo de continentes, países, paisagens e locais.” (FERREIRA & SIMÕES, 1986 apud CAMPOS 2001 p.44)

Dessa maneira, a geografia regional deveria considerar as unidades espaciais, as regiões ou os lugares, um de cada vez, estudando as diferentes áreas ou lugares e suas relações. Para Hettner *“a visão geográfica detem-se ora em um único lugar; ora considera a superfície da terra, para comparar os lugares entre si; mas está sempre voltada para as diferenças dos espaços terrestres”*. (AMORIM FILHO, 1985 apud Campos 2001 p. 45)

Os lugares possuíam uma associação específica de fenômenos num dado lugar e que, acima de tudo, diferenciaria de outros pois possuiriam outras associações particulares. Dessa maneira, a Geografia teria a função de estudar as formas de inter-relações dos elementos. Em outras palavras, as conexões ou relações causais entre os fenômenos da Geografia, são de duas espécies: as relações mútuas que existem entre diferentes fenômenos, num mesmo lugar, e as relações ou conexões entre fenômenos em lugares diferentes.

Como exposto acima, as proposições hettnerianas foram pouco divulgadas e não tiveram uma grande penetração em sua época, o que pode ser atribuído ao domínio de outras correntes do pensamento.

RICHARD HARTSHORNE

⁶ São descritivas, tratam de fatos não repetitivos, não reprodutíveis e, portanto, sem aspectos regulares que possam fundamentar leis ou normas gerais. Os fatos só podem ser compreendidos em contextos particulares que os gerou.

⁷ Procura nos fatos o que é regular, geral. Estabelece modelos abstratos que podem antecipar resultados a partir do conhecimento das variáveis fundamentais que definem um fato ou fenômeno.

Hartshorne, geógrafo americano, analisou os estudos publicados por Hettner e aprimorou parte deles em suas obras, tratando o tema, assim como Hettner, da região com um certo distanciamento do possibilismo e das teses deterministas. Hartshorne defendia a idéia de que as ciências se definiriam por métodos próprios, não por objetos singulares. Nas obras do autor existe a preocupação da construção de um método próprio em Geografia, métodos estes para identificar diferenciações de áreas.

Para Hartshorne, a região não é uma realidade evidente, a qual caberia ao geógrafo descrever. O autor também aceitava o carácter corológica de Hettner, que orientava a geografia numa unificação de seu campo de pesquisas físico e humano, sendo a região a síntese destas relações complexas. O espaço geográfico não isolaria os elementos, mas no espaço continha as inter-relações. Hartshorne não buscou um objeto da Geografia, mas entendendo sob seu ponto de vista procurou enfatizar

“o estudo das interações entre fenômenos heterogêneos, apresentando-as numa visão sintética. Entretanto, as inter-relações não interessariam em si, e sim na medida em que desvendavam o carácter variável das diferentes áreas da superfície da Terra”. (MORAES 1981 P.87)

Hartshorne formulou dois conceitos básicos: o de “área” e de “integração”. Área seria uma parcela da superfície terrestre, diferenciada pelo observador, que a delimita por seu carácter, isto é, faz o papel de distinção em relação as demais. Dessa maneira, a área seria produto construído idealmente pelo pesquisador, a partir da observação dos dados escolhidos. A área seria construída no processo de investigação, um instrumento de análise. Ao usar o termo área, o autor a entende como parcela da superfície terrestre.

No livro “Região e Geografia, Sandra Lecioni ressalta as ressalvas ao emprego e ao uso do termo “região” por parte de Hartshorne:

“De fato, ao utilizar o termo “área”, Hartshorne está reconhecendo que há uma grande arbitrariedade em relação ao conceito de região. Mas isso não significa dizer que ele não utiliza o termo região; ele o utiliza, sim, mas tendo ressalvas quanto ao seu emprego, preferindo utilizar o termo área, sobretudo nas passagens em que busca construir um arcabouço teórico-metodológico.” (LECIONI, 1999 P.127)

Para Hartshorne, os fenômenos variam de lugar a lugar, e as suas inter-relações também variam, e os elementos possuem relações externas e internas à área. O carácter da área seria dado pela integração de fenômenos inter-relacionados. Dessa maneira, a análise singular (de um só lugar) e unitária (apreendendo vários aspectos), compreendendo um conhecimento bastante profundo, Hartshorne chamou de geografia idiográfica. No entanto, o autor também reconhece a Geografia de carácter nomotética, ao estabelecer esquemas gerais em todos os campos científicos, que na geografia, a partir de comparações das integrações obtidas permitiriam chegar a um “padrão de variação” dos fenômenos em questão.

A perspectiva de Hartshorne vai num sentido de valorização da geografia regional, e necessidade de um método próprio em geografia. Para Hartshorne seria o método regional, baseado na diferenciação espacial dos fenômenos e a caracterização de unidades regionais, a particularidade que identifica e diferencia a geografia das outras ciências.

Dentro do conceito de região existem diferenças aos pensadores da chamada “Escola Francesa” de Geografia. Para Vidal de La Blache, reconhecido como um dos principais nomes dessa escola: “*A região é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive. Enquanto realidade, esta região independe do pesquisador em seu estatuto ontológico.*” (LA BLACHE, 1921 apud GOMES 1995 p.57).

Como exposto anteriormente, Hartshorne enveredou seus estudos numa perspectiva antagônica para procurar teorizar o conceito de região. Para o autor, “*a região não é uma realidade evidente, dada, a qual caberia apenas ao geógrafo descrever. A região é um produto mental, uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço*” (GOMES 1995 p.60). Para Hartshorne, as regiões possuiriam sempre aspectos que são irreduzíveis a qualquer generalização, apoiado sempre nas suas singularidades espaciais. Dessa maneira o autor recebeu críticas pois suas idéias levantaram a perspectiva de “incorotável singularidade regional”, o que levantaria outros desdobramentos como por exemplo o uso do método regional de caráter nomotético e/ou idiográfico, atentando para o fato de aspectos singulares de fenômenos espaciais que caracterizariam regiões diferenciadas. Em outras palavras, seria fundamental perceber se os fenômenos que ocorrem em um determinado lugar podem, ou não, se relacionar a outros fenômenos presentes em outros lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção dessa nota envolveu o contato com um conteúdo complexo que pelas circunstâncias dessa produção, não podem ser levantadas sem a consulta prévia às obras e o debate minucioso dos temas em questão. Dessa maneira, é preciso salientar que a nota proposta traz no seu conteúdo condições mínimas, impondo ao leitor um desafio de penetrar com mais propriedade nas produções dos autores citados. Com isso, ressaltamos, o esforço *analítico* para cobrir algumas particularidades desse tema, bem como as dificuldades e possivelmente os eventuais deslizes cometidos.

O espaço em Kant e os sistemas filosóficos, tidos como uma das mais conhecidas obras da filosofia clássica, impõem desafios rigorosos à sua compreensão. O espaço pensado *a priori*, levanta desdobramentos que merecem cuidados e um entendimento na/da abstração dos conceitos propostos. Em Kant, o espaço não pode ser percebido empiricamente porque o simples ato de situarmos alguma coisa “fora” de nós já pressupõe a representação do espaço. Nesse sentido o espaço é pensando numa condição exterior, numa condição *substratum*. Outros desafios aparecem no conceito de espaço que define a construção moderna do conceito de espaço, destacando as condições de produção do conhecimento a luz das concepções modernas do Séc. XVIII. Assim, a análise do espaço em Kant, apresenta as marcas de um sistema filosófico, que carrega as bases do idealismo.

A difusão das idéias de Kant, influenciaram Alfred Hettner e umas das características comungadas pelos autores é o aspecto corológico. Tal característica abasteceu as proposições de Hettner no desenvolvimento da análise geográfico na leitura/entendimento do espaço. E nesse sentido a análise da diferenciação regional constituía o objetivo fundamental da geografia admitindo a concepção de ciência idiográfica e nomotética.

Os desdobramentos na obra de Richard Hartshorne aparecem sobre a forma de crítica ao fato de uma “suposta” singularidade regional o que provoca confrontos com outras correntes do pensamento como os da escola da Francesa, possibilista. A produção da crítica se envereda pelas

circunstancias do enfoque regional determinada por cada pesquisador, implicando dessa maneira numa produção mental, uma forma “concebida” de região.

BIBLIOGRAFIA⁸

CAMPOS, R. R. **A escola Alemã de Geografia**. Geografia, Vol. 26, n.º 2, pp.9-67, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e Obra. In: KANT. Nova Cultural. São Paulo.

GOLDMANN, Lucien. **Origem da dialética – A comunidade humana e o universo em Kant**. Tradução Haroldo Santiago. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

GOMES, P.C.C. **O conceito de região e sua discussão**. IN: Geografia: temas e conceitos. CASTRO, Iná E., GOMES, P.C.C., CORREA, R. L. (Orgs.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Nova Cultural. São Paulo.1999. Coleção Os pensadores.

LECIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo. EdUSP.1999.

MORAES, Antonio C. Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. Ed. Hucitec. São Paulo, 1981.

RIBAS, Alexandre Domingues. **A Influência Do Pensamento Kantiano Na Estruturação Epistemológica Da Geografia Moderna: Um Ensaio Analítico**. In: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo3/E3_08.htm> Acesso em 8 de Maio de 2006

TATHAM, G. **A geografia no Séc. XIX**. Boletim Geográfico ano XVII n.º 150, pp.198-226, 1959.

⁸ A nota presente foi elaborada no ano de 2006 para a disciplina Geografia Regional I da grade curricular de Geografia na UNESP de Rio Claro. Contamos com a leitura prévia e correção do Professor Dr. Paulo Godoy – UNESP / Rio Claro Geografia. Meus agradecimentos ao professor.